

Lembranças de professoras de artes visuais: a experiência estética na infância

Vanessa Freitag¹

Resumo

O trabalho que ora apresento objetiva investigar algumas experiências com arte, desenvolvidas na formação continuada de professoras de Artes Visuais da Casa de Cultura de Santa Maria/RS. No entanto, tive como ponto principal discutir as memórias de infância dessas docentes com relação às brincadeiras, cores, cheiros e sabores vivenciados nesta fase, vislumbrando assim, possibilidades de criação artística e reflexão sobre conteúdos e metodologias no ensino de arte na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Memórias de Infância, Ensino de Arte, Experiência Estética.

Abstract

The present work is aimed at to investigate some experiences with arts developed in the education of the Visual Arts teachers at the Casa de Cultura (*House of Culture*) at Santa Maria/RS. However, its main purpose is to discuss the childhood memories of those teachers related to the games, colors, smells and flavors lived, seeing in them possibilities of artistic creations and reflections upon contents and methodologies of art teaching in the contemporary.

Keywords: Childhood Memories, Art Teaching, Aesthetical Experience.

Breve Introdução

Que cheiro tem sua infância?

E que cores?

Quais são os seus sabores?

Que olhares, gostos, sons e sensações trazemos em nossas memórias?

A idéia deste artigo é apresentar, mesmo que brevemente, uma pesquisa desenvolvida com três professoras de Artes Visuais que trabalham na Casa de Cultura de Santa Maria/RS. A intenção foi conhecer e analisar as memórias de infância como possibilidade no processo criativo docente das mesmas. Neste sentido, objetivo trazer algumas de suas memórias com relação às vivências e experiências estéticas tidas neste período.

Venho pesquisando as memórias há um bom tempo, seja em minhas pesquisas como artista e principalmente, nas que realizo como professora. Em alguns momentos, pensar sobre as nossas histórias vividas se constitui num ato prazeroso, em outros muito difíceis, devido à carga de emoções que vêm com elas e nos afetam. Isso porque abordar a mesma implica remexer continuamente com fatos ou momentos muito sutis da nossa trajetória.

¹Mestre em Educação – Linha de Pesquisa 'Educação e Artes'/2008; Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria/RS; Professora Substituta de Metodologia do Ensino em Artes Visuais/UFSM.

Nossas memórias são evocadas a partir de um aparato de imagens que são trazidas à mente, quando nos lembramos de um evento, história, situação, ou seja, "é um ato de representação do real que se dá através de imagens mentais, pois o passado enquanto tal não volta" (FÉLIX, 2002, p.23).

Durante muito tempo as memórias tiveram como principal suporte a linguagem escrita ou oral nas investigações realizadas. Contudo, podem também se fazer presentes em outras formas ou meios de evocação, ou seja, através de sentidos que não somente o oral ou visual,

A evocação/lembrança dessas imagens mentais se dá através de diferentes suportes de memória que podem ser (...) de natureza perceptiva e sensorial, quando desencadeada por idéias/associações, e de natureza do universo da 'memória dos sentidos', sons, ruídos e cheiros que compõem o rico e diversificado universo denominado de bens ou patrimônios imateriais. (*op.cit*, 2002, p.23)

As imagens suscitadas pelas memórias possibilitam que se conheçam as representações da memória olfativa, da memória auditiva, espacial, sinestésica, visual, gerando metáforas sobre aquilo que se recorda, menciona e pensa através das narrações,

Todos los sentidos desempeñan un papel al afirmarnos que estamos unidos al mundo. Sin embargo, la vista y el oído parecen ser los dos sentidos que se prestan mejor al tipo de secuencias mnemónicas esenciales para recordar. El olfato, el gusto y el tacto también suceden en el espacio y el tiempo, pero no solemos emplear imágenes olfativas como medio de ordenar en secuencias nuestros recuerdos. Así pues, aunque reconocemos mediante todos nuestros sentidos, solemos recordar vistas y sonidos con mayor facilidad que olores, gustos y tactos. (FENTRESS & WICKHAM, 2007, p.51)

Nesta pesquisa, as memórias dos sentidos se apresentaram por meio dos gostos, cores e sabores que foram muito significativos no processo de rememoração das docentes sobre suas vivências da infância. Talvez pudesse afirmar que as memórias dos sentidos seria a perspectiva singular e pessoal das memórias sociais e coletivas.

Nos meandros da Memória e sua Constituição Social

A memória seria uma manifestação que ocorre no indivíduo que não é apenas interna e propriedade exclusiva deste, como defendiam os enfoques reducionistas do início do século, mas é especialmente constituída no social, “nessas abordagens, os elementos sociais não representam mero conteúdo da memória (ou material a ser armazenado), mas são considerados constitutivos do funcionamento humano”. (BRAGA, 2000, p.38) Portanto, o conteúdo da lembrança está diretamente relacionado à realidade vivencial e interesses sociais do sujeito.

Através dos estudos do sociólogo Maurice Halbwachs, realizados no início do século XX e que escreveu dois importantes livros, *Os Quadros Sociais da Memória (1925)*, e *A Memória Coletiva (1950)*, a memória é compreendida como um fenômeno social, o que significa que a lembrança é abordada e reconstituída do ponto de vista de um grupo do qual fizemos parte. Halbwachs “superou a visão dicotômica do modelo positivista que opunha o individual ao coletivo” (ABREU, 2005, p.35), ao mesmo tempo em que refletiu sobre aspectos sociais e simbólicos da memória individual.

A forma como a evocamos está condicionada pelo modo como o fato foi vivido no mesmo grupo, configurando então, a memória pessoal ou individual. Para concluir, se nossas memórias são constituídas e dependentes do social, “como e quanto” será lembrado, é subjetivo/individual,

O modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra. (CHAUÍ, 1994, p.31)

Dessa forma, as lembranças de hábitos, preferências, costumes, tradições, culturas, muitas vezes também levam a ter preferências sociais e afetivas. Halbwachs (2006) comenta sobre a importância da família na infância e que esta alicerçaria a base ou estrutura para nossas futuras relações sociais. E quando adultos, passaríamos a fazer parte de diferentes “quadros”, ou seja, mudança de lugar, de profissão, de família e de relações que geram uma série de fatores que se entrecruzam, delineando nossa vida social, comportamentos e concepções.

Partindo desse pressuposto, a memória é produto do convívio que temos num coletivo, posto que não nascemos determinados, mas vamos nos formando mediante as interações em que a linguagem/comunicação entrelaçadas pela afetividade, participam ativamente desse processo.

a base social/coletiva da memória constitui-se na família, nas classes, nos grupos de referência (escola, empresa, partido, etnia, nação...) na religião, na tradição dentre outras, as quais institucionalmente, formam o sujeito e auxiliam na determinação de sua visão de mundo. (TEDESCO, 2004, p.156)

Ao rememorar algo, as imagens não se apresentam tal e qual como no momento acontecido, mas é reconstruída mediante o ato de recordar e os efeitos da lembrança se fazem sentir no momento em que se recorda (OLIVEIRA, 2005). Afinal, a memória evocada apresenta-se em contínua reconstrução e resignificação das experiências tecidas pelo sujeito através de suas relações no tempo/espço de permanência num grupo,

não são todos os acontecimentos, personagens e fatos que permanecem nas memórias. Eles são antes, um exercício de escolha, de privilegiamento e de possibilidades da partilha, o que implica dizer que as construções das memórias ou a sua sobrevivência são formas de exercício de poder. (ZANINI, 2005, p.116)

Sendo assim, nem tudo o que vivemos são situações lembradas por algum ou outro motivo, pois a memória também é aquilo que esquecemos (DIEHL, 2002) e o que guardamos conosco pode sofrer interpretações ou leituras diferenciadas, adquirir outros contornos e novos sentidos. Assim, talvez sejam nossas memórias, aquelas lembranças boas e ruins que nos dizem ou revelam pedacinhos de experiências vividas realmente ou algumas histórias condicionadas consciente/ inconscientemente na reinvenção dos fatos como se estes fossem verdades, pois, "esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam". (HALBWACHS, 2006, p.37)

Isso quer dizer que nossas memórias são esquecidas porque, estando nós no interior de um grupo, não nos sentimos parte ou inteiramente presentes no mesmo, estamos menos interessados pelo que acontece ou pelo que fizemos. A memória também significa mediar a noção de tempo vivido, recordado, com aquilo que ocultamos. Lembrar de algo implica estar afetivamente envolvido com a história que é rememorada, especialmente quando diz respeito às memórias de infância,

A primeira condição é correspondida porque muitas de nossas lembranças remontam a períodos em que, por falta e maturidade, de experiência ou de atenção, o sentido de mais de um fato, a natureza e mais de um objeto ou de uma pessoa meio que nos escapavam. Estávamos, por assim dizer, ainda muito envolvidos no grupo das crianças e em parte de nosso espírito já pertencíamos, mas não muito estreitamente, ao grupo de adultos. (HALBWACHS, 2006, p.95)

O autor ainda diz que ao tentarmos reconstruir uma memória esquecida ou confusa em nossa mente, não basta refazê-la parte por parte no instante em que ela nos é relatada por outrem como se fosse um filme, é preciso encontrar pontos de ligação, de vivência entre a história contada com as referências que dela temos. Caso contrário, os fatos permanecerão no esquecimento. Por isso, para que as lembranças “aflorem”, necessitam de paciência em sua evocação e reconstituição por parte de quem procura relembrar. (BOSI, 1994)

Assim, as memórias dos sentidos foram trabalhadas na pesquisa com o objetivo de conhecer os gostos, as cores, as sensações, cheiros, olhares sobre a infância que ficou marcada na percepção dessas professoras, em que procurei discursar sobre as principais experiências estéticas cotidianas vividas e por elas lembradas.

Guloseimas: das cores aos olores na arte e na docência

Na poética da artista Nina Moraes, que costuma apropriar-se de compotas, vidros e potes, objetos banais de nosso cotidiano que são utilizados para reter pequenos objetos de nossas memórias. O vidro tem o caráter de transparecer seu interior, mas que faz com que o conteúdo contido neste se torne intocável e muitas vezes, “os recipientes como suporte da obra da artista são abstraídos da simples função de guardar as coisas e se tornam o lugar de um acervo pessoal de memórias e sonhos nem sempre tangíveis”. (FREIRE, 2008)

Os objetos, cuidadosamente construídos pela artista, contêm resquícios de sonhos, objetos de desejo ou afetivos, cujos vidros transcendem a função de guardar e possibilitando que o conteúdo seja tocado apenas pelo olhar.



Figura 01. *Infância*, 1990.

Em seu interior, pequenos objetos das mais diferentes texturas, cores e natureza, são cuidadosamente retidos em compotas, conferindo a impressão de conservar lembranças que possam ser “saboreadas” pelo olhar.

Pela fresta do guarda-comida entreaberto sua mão avança como um amante pela noite. Uma vez familiarizada com a escuridão, tateia em busca de açúcar ou amêndoas, uvas passas ou compotas. E assim como o amante abraça a sua amada antes de beijá-la, da mesma forma, o tato tem um encontro preliminar com as guloseimas antes que a boca as saboreie. Como o mel, punhados de passas e mesmo o arroz, como todos entregam-se lisonjeiramente à mão! (BENJAMIN, 2002, p.105-106).

Na poética de artistas como Ernesto Neto, Antoni Miralda, Cosimo Cavallaro, Caetano Dias, Lygia Pape, Lygia Clark, entre tantos outros, trabalharam com questões relativas aos sentidos como o tato, o olfato, o paladar, nas investigações realizadas no campo da arte.

Por isso, nos encontros com as professoras S, M e F, todos realizados na Casa de Cultura² e logo após o expediente das mesmas, conversávamos sobre um aspecto relativo às memórias de infância das professoras e eu procurava levar imagens de artistas que fizessem relação ao tema abordado no dia, com a intenção de discutir e abraçar questões relativas às suas práticas docentes.

O tema sobre “as cores, sons, cheiros, gostos e sensações da infância” foi o mais lembrado por elas no fim de nossos encontros. A idéia era conhecer um pouco mais o universo das mesmas sobre as vivências estéticas tidas neste período (seja dentro ou fora da escola), e se estas contribuíram de certa forma, para a escolha profissional atual. As práticas e

²A Casa de Cultura também é conhecida como EMAET – Escola Municipal de Artes Eduardo Trevisan - e consiste num espaço destinado à realização de seminários, eventos e cursos de artes (Música, Teatro, Artes Visuais) para a comunidade em geral de Santa Maria/RS.

hábitos cotidianos tornaram-se memórias e lembranças cheias de afetos e sentidos para as docentes. No respectivo encontro, cada professora trouxe vários "quitutes", cheiros e sabores para serem degustados enquanto conversávamos sobre suas experiências.

Como não lembrar o cheiro do pão assado? Das cores dos tecidos, da comida recém-feita pela mãe? Dos doces, guloseimas e compotas? Assim, "hábitos são criações que se propagam e, ainda que se tornem constantemente repetidos, iniciam-se com uma experiência marcada pela novidade e pelo inesperado". (GONDAR, 2005, p.26)

A experiência marcada pela novidade traduz aquilo que nos causa interesse, que nos impressiona, nos toca e afeta. Neste sentido, dentre as inúmeras vivências que temos ao longo da vida, selecionamos aquelas que consideramos significativas, pois a memória é seletiva e lembramos mediados por essa significação proporcionada nos eventos singulares e marcantes, "todavia o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular". (GONDAR, 2005, p.25)

Contudo, o termo afeto ou afetividade adquire um sentido mais amplo, pois designa todo o tipo de emoção, paixão e desejo que nos atinge de forma voluntária ou involuntária. Estes podem ser agradáveis, como desagradáveis, provocando dor e repulsa ao invés de prazer, (ARANHA & MARTINS, 2005). Por isso, nossas memórias e experiências podem estar ligadas num primeiro momento, a situações cotidianas agradáveis enquanto que em outros, gerarem dor ou sofrimento, dependendo da circunstância.

As memórias da professora "S" fazem referência aos eventos em família, às festividades e datas comemorativas, à observação que fazia da natureza, do ambiente, dos doces e enfeites cuidadosamente preparados pela mãe doceira.



Figura 02. Lembranças de cheiros, da Professora "S".

Também comenta que “*tem paixão*” por miniaturas e que “*foi um gosto herdado pela mãe*”, já que ela gostava de enfeitar o lar, de fazer as coisas para dentro de casa, de bordar e costurar, além dos cheirinhos dos pequenos sabonetes que costumava comprar para colocar dentro do guarda-roupa, deixando-o perfumado. E acrescenta:

Nossos vestidos eram cheios de bordadinho, de coisinha, sempre de uma delicadeza. Ela que produzia, ela que fazia. Daí então, são as riquíssimas experiências de vida que me levaram para esse meio da arte, com certeza! Influência direta assim, das vivências! (Professora “S”).

Algumas dessas memórias e outras lembradas ao longo dos encontros pela professora “S” remetiam a um contexto em que as experiências estéticas eram sentidas através das músicas cantadas pelos familiares, de brincadeiras inventadas e brincadas, e também, pelas circunstâncias de um lar sempre enfeitado, decorado e cuidadosamente adornado e por isso, o gosto por miniaturas, comentado por ela, talvez faça referência ao que via ser confeccionado dentro de casa. Por isso, Coelho (2002) comenta que nem sempre sabemos ao certo ou nos perguntamos o porquê gostamos e temos carinho por um determinado objeto, talvez seja por sua utilidade ou também porque,

(...) nos lembra um momento ou uma pessoa especial. Mas realmente, nos fogem à percepção os traços que imprimimos na coisa, detalhes que caracterizam talvez posse e propriedade, tal como iniciais de nosso nome, desenhos, decalques, adereços ou marcas pessoais que caracterizam essa posse. (p.75)

A professora “M” revela em suas falas memórias de um espaço em específico: o armazém, comumente conhecido como “venda”. Lembra do trabalho árduo realizado pela família para cuidar da “venda” e de atividades cotidianas que fazia, como organizar botões. Também faz referência às prateleiras cheias de tecidos, com inúmeras estampas e finalidades distintas:

Os lençóis, os tecidos dos lençóis, aquelas flores bem miudinhas, depois vinham às camisas, era aquele xadrez grande com vermelho, com preto, com branco; depois tinha as cores dos tecidos “Volta ao mundo”, àquele rosa-choque, verde-limão, azul-céu. Era essa a marca e porque não se desmanchavam, tu podias dar a volta ao mundo e ele ficava inteiro! (Professora “M”).



Figura 03. *Os Botões da Venda*, da professora "M"

No caso desta professora, toda a sua infância se volta para o referido espaço do armazém, onde via a circulação constante de pessoas de vários lugares para comprar alimentos, roupas e utensílios rurais, lembranças que remetem às brincadeiras no campo, aos bonequinhos de argila modelados após a chuva, dentre outras. Neste caso, percebi que ela sempre se sentia muito emocionada e lembrava com certo pesar e nostalgia sua história vivida neste ambiente, o que nos leva a pensar sobre o caráter afetivo daquilo que lembramos,

a transfiguração do passado não se dá exclusivamente por recursos intelectuais, mas também emotivos. Geram-se aglomerados em que estilhaços de realidade e cristais conceituais são misturados na massa do imaginário e do desejo. Há na verdade, um tom afetivo ineliminável na fixação de formas e lugares da memória e do esquecimento (assim como há, simetricamente, uma memória e um esquecimento das emoções e das paixões, uma tenacidade ou volubilidade). (BODEI, 2004, p.62-63)

Dentre as memórias tecidas pela professora "F", se refere àquelas que remetem aos olores da comida caseira preparada com carinho pela mãe, do gosto dos alimentos, do tempero e sabores que "*não voltam mais*":

Era aquele cheirinho assim, principalmente no inverno, daquela comidinha caseira: o feijão novinho, aquela mandioquinha que tu sentia o cheirinho do molho de carne encima, que ela fazia a carne separada e depois jogava o molho na mandioca.(...)Nos finais de semana ela sempre fazia um pudinzinho, picolé, pãezinhos! (Professora "F").



Figura 04. *Quitutes* da Professora "F".

Por isso, a experiência estética aqui relatada não diz respeito apenas às sensações e pensamentos provocados diante de alguns objetos concretos, como bordados, panos de prato, desenho, esculturas, etc. Mas refere-se à experiência vivida por essas professoras como "bens imateriais", ou seja, o cheiro de alguma comida que remete ao fazer e aos costumes de determinada pessoa quando cozinha e prepara tal *quitute*, provocando alguns sentidos que ficam retidos nas nossas lembranças; ou ainda, as cores e as sensações de situações e espaços específicos, caracterizando por assim dizer, a experiência estética do cotidiano,

A estética do cotidiano subentende, além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e de transformação. (RICHTER, 2003, p.20-21)

A experiência estética chega até nós por condições e meios usualmente simples e familiares da vida cotidiana e traz consigo, valores que são sentidos e produzidos por nós. A mesma autora faz uma importante reflexão sobre o que seria valor estético, ou seja, "o prazer que o ser humano experiencia no simples olhar a natureza ou para objetos fabricados; o prazer em ouvir a canção dos pássaros ou uma música; (...) em arrumar uma mesa atrativa ou um canteiro de flores". (RICHTER, 2003, p.23)

E essa relação com os valores estéticos está diretamente relacionada com o olhar e a subjetividade do indivíduo, entendendo por subjetividade as escolhas que fizemos, os

juílgamentos que emitimos, aquilo que nos afeta e nos impulsiona a agir em direçãõ ao que desejamos (ARANHA & MARTINS, 2005), ou ainda, envolve os nossos pensamentos mais pessoais, a compreensãõ que temos de nós mesmos, (WOODWARD, 2000). Assim sendo, as experiências comentadas pelas professoras tiveram significativo valor na construçãõ dos olhares e das subjetividades das mesmas, no que tange às suas memórias.

“E o que era doce, se acabou...”

No ato de evocarem quais foram suas principais vivências sobre cores, cheiros e sabores da infânciam, possibilitaram que essas experiências e valores estéticos fossem novamente sentidos e resignificados pela lembrança, reconhecendo inclusive, que muitas destas situações influenciaram, de alguma forma, nas escolhas e posturas atualmente.

Os materiais trazidos pelas docentes sobre cores, gostos, cheiros da infânciam, além de evidenciarem num primeiro momento, sensações de nostalgia e histórias vividas, puderam reconhecer e discutir sobre a produçãõ artística que problematiza ou se apropria do universo dos sentidos que não o estritamente visual, em especial, nos trabalhos de artistas contemporâneos.

Neste sentido, acredito que a arte atual tem muito que nos ensinar sobre como trabalhar com nossos alunos, instiga outras posturas nos professores como o de ousar e criar nas abordagens que utiliza na escola, além de fomentar a curiosidade entre alunos e professores sobre os discursos da mesma. Assim como a memória, que contribui para que ações/gestos, subjetividades e pensamentos sejam olhados e reconstruídos cada vez que miramos nossas próprias vivências.

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. *In*: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005, p.27-42.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena, (Orgs.). **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BODEI, Remo. **Livro da memória e da esperança**. Bauru: EDUSC, 2004.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória: uma perspectiva histórico-cultural**. Ijuí: Unijuí, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória *In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.17-34.*

COELHO, Luiz Antonio Luzio. Tal objeto tal dono. *In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Orgs.). **Identities: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 69-80.*

DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade – perspectiva para a história. *In: TEDESCO, João Carlos (Org.) **Usos de memórias** (política, educação e identidade)*. Passo Fundo: UPF, 2002, p.141-160.

FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. *In: TEDESCO, João Carlos (Org.) **Usos de memórias** (política, educação e identidade)*. Passo Fundo: UPF, 2002, p.15-39.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. *In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?*** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005, p.11-26.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Minotauro, 2006.

OLIVEIRA, Patrícia Rossi de. Memória e poder: lembranças de um tempo que não passou. **Revista Vivência**, São Paulo, nº 9, 2005, p.87-89.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF, 2004.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Construindo memórias, tecendo trajetórias. **Revista Vivência**, São Paulo, nº 28, 2005, p.115-122.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Vozes, 2000, p.07-72.

Referências Digitais:

FREIRE, Cristina. **O museu do cotidiano de Nina Moraes**. Disponível em: www.mac.usp.br/obracontexto/ninamoraes/nina1.jpg, acessado em fevereiro de 2008.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memoria social**. Espanha: Universidad de Valencia, 2003. Disponível em: <http://books.google.com/books>, acessado em janeiro de 2008.